

A PÓLIS E O MARAVILHOSO NA NARRATIVA DE HERÓDOTO

*Flávia Lemos Mota de Azevedo**

RESUMO: A organização da narrativa herodotiana assenta-se sobretudo na caracterização do despotismo, no entanto este só possui significado na obra em contraposição ao uso do grego de organização política, e principalmente em relação à democracia. O despotismo bárbaro acha-se em maior evidência, todavia, basta isso para fazer a temática da tirania sobrepujar a da organização *poliada*? Não poderíamos supor que o realce do poder despótico não seria apenas uma maneira de mostrar para os gregos a sua particularidade? Nesse caso, o exótico, o maravilhoso e admirável residiriam no fato de os gregos terem se organizado de uma forma completamente singular, estranha a todos os outros povos conhecidos.

PALAVRAS-CHAVES: Exótico, Heródoto, organização política, democracia, maravilhoso.

THE *POLIS* AND THE MARVELOUS IN THE NARRATIVE OF HERODOTUS

ABSTRACT: The organization of the Herodotian narrative is based overall in the characterization of the despotism, however this can only mean something in Herodotus' work if opposed to the Greek ways of political organization and mainly in relation to democracy. However, the fact that the barbarians' despotism takes higher evidence in the work is enough to make the theme of tyranny dominate over the *poliada* organization? Could not we assume that the distinction of tyranny would not be only one way to show the Greeks their own particularity? In this case, the exotic one, marvelous and the admirable one would lie in the fact that the Greeks organized a completely singular way of political organization, stranger to all the other known peoples.

KEYWORDS: Exotic, Herodotus, political organization, democracy, marvelous.

Heródoto, o velho Heródoto, como escreveu Hartog (1999), vai bem, é bastante lido, interpretado e comentado. Portanto, não é uma tarefa fácil estudá-lo. A bibliografia a seu respeito é vasta e múltipla, mas o que na verdade torna essa empreitada complexa é a própria obra. No dizer de Immerwahr, “a combinação de educador, cientista e escritor é a principal característica de Heródoto, que primeiro descobriu a história como um método de entender o mundo como um todo” (IMMERWHAR, 1966, p. 05). Entre as peculiaridades da obra destaca-se a diversidade de suas fontes, bem como das versões que o autor lhes deu. Daí a pluralidade de leituras a que se presta. Talvez este seja o motivo da sua boa resistência, mencionada por Hartog. A própria tradição interpretativa que ensejou contribui para essa vivacidade. Pois a Heródoto se ajusta

* UnB / UEMG.

perfeitamente a consideração de que “um texto é clássico porque sua composição complexa, multiforme e não convencional resiste à leitura e oferece inesgotáveis possibilidades de interpretação” (LACERDA; KIRSCHNER, 1997, pp17-18).

A problemática do poder político atravessa toda a narrativa herodotiana e fornece a conexão entre as suas diversas partes. A política para Heródoto se insere principalmente no campo das tradições, do caráter dos agentes, dos princípios que decorrem da condição humana e do *kósmos*; logo, o tema do poder desenvolve-se através de uma reflexão sobre os arranjos, as implicações e as conseqüências possíveis de um poder excessivo, e sobre a singularidade da experiência grega, especialmente a ateniense. Como o centro do interesse da investigação foi a grandiosa guerra travada entre o império persa e as cidades da Hélade, o relato do historiador opõe duas formas de poder: o despotismo monárquico, característico do mundo bárbaro, e o regime isonômico da *pólis*, baseado na justiça e na lei. A descrição dessas formas, efetuada ao longo da narrativa, assenta na concepção grega de ordem universal (*kósmos*) e da condição humana. Os princípios que governam essas duas ordens, assim como as relações entre ambas, constituem ou fornecem os elementos da causalidade pela qual Heródoto buscou compreender os eventos da guerra. Como se trata de categorias e princípios de uma visão global de mundo, compartilhada pelos gregos da época, podemos reconhecê-los em outras criações culturais helênicas contemporâneas, especialmente na poesia trágica.

O momento em que Heródoto empreendeu sua investigação, por outro lado, foi um momento de grandes transformações das idéias e da mentalidade helênicas. Desse modo, os elementos de inteligibilidade de sua narrativa eram também elementos de uma tradição poética secular. Na História, porém, adquiriram significados novos e arranjos originais. Todas as modificações pelas quais o mundo grego passava não se restringiam às formas de pensar. Estas correlacionavam-se às transformações estruturais pelas quais passava a *pólis* grega. Foi na primeira metade do século V que Atenas se tornou hegemônica na Hélade e a democracia ateniense atingiu seu apogeu. Saiu do conflito com a Pérsia engrandecida, pois partiu dela a iniciativa da união dos gregos em prol da defesa contra os bárbaros. Com o fim da guerra, a *pólis* dos atenienses emergiu como a grande vitoriosa. A política ateniense, então, mostrou, mais do que em qualquer outro momento, a vocação dessa cidade para liderar o mundo grego. Nesse momento de grandes e constantes transformações, a consciência que os helenos tinham de um passado glorioso e muito antigo, cantado por Homero, abriu caminho a uma nova percepção histórica. Brandão nos mostra que o problema central para o pensamento grego era de "como conciliar a mudança com a permanência, o que o fez enveredar pela reflexão a respeito dos processos de transformação" (Brandão, 1998, p.05). Refletir sobre o passado conduzia os gregos a pensar em "como outrora foram grandes e agora eram pequenos", induzindo-os "a meditar criticamente sobre si mesmos" (Snell, 1992, p.197). Foram essas condições, consubstanciadas no reconhecimento da não-perenidade das coisas, de sua constante mutabilidade e da interferência

humana nesse processo, que proporcionaram a conformação da narrativa historiográfica. E Heródoto é um excelente representante de todas essas transformações.

A organização da narrativa herodotiana assenta-se sobretudo na caracterização do despotismo, no entanto este só possui significado na obra em contraposição ao uso do grego de organização política, e principalmente em relação à democracia. Qual, então, é o papel desta no conjunto da *História*? Quantitativamente, o despotismo bárbaro acha-se em maior evidência, haja vista a abundância de relatos que a ele se referem. Todavia, basta isso para fazer a temática da tirania sobrepujar a da organização *políada*? Ou, talvez, seria mais conveniente ver nesse destaque apenas um esclarecimento para os helenos sobre a diversidade de organizações políticas? Já que os gregos, público provável da obra, se estabelecem de uma forma completamente peculiar, o relato conviria para uma melhor compreensão tanto dos motivos pelos quais se enfrentaram, quanto para apreender as razões de sua vitória? Em outras palavras, o realce do poder despótico não seria apenas uma maneira de mostrar para os gregos a sua particularidade?

Não parece razoável supor, apenas levando em conta a superioridade numérica de relatos sobre o poder despótico, que o interesse pelos bárbaros fosse maior que pelos próprios gregos. Com base nesse raciocínio, 'o pai da história' teria sido acusado de barbarofilia. Contudo, uma interpretação tão simplista não faz jus à sutileza e à complexidade da trama narrativa da obra.

Heródoto anuncia no próêmio que sua exposição visa fazer com "que os feitos dos homens não se desvançam com o tempo, nem que fiquem sem renome as grandes e maravilhosas empresas" (Heródoto, I, 1). Esse *tò thôma* (ou *thomasta*), isto é, as maravilhas e feitos extraordinários relatados, diferentemente das narrativas poéticas, agora se apresentavam como obras dos homens, tanto dos bárbaros quanto gregos, e não mais como prodígios de deuses e heróis. Muitas dessas maravilhas têm lugar fora do mundo helênico, sobretudo no Egito. Eram parte do conhecimento adquirido nas viagens do historiador.

O *thôma* parece ser em Heródoto um dos motivos pelos quais as suas narrativas possuem caráter infundável. O historiador prossegue narrando enquanto o maravilhoso permite, ou seja, enquanto as suas viagens prosseguiram. A digressão, característico recurso herodotiano, tem no maravilhoso sua função organizadora (Hartog, 1999, p. 248). Dessa maneira, a profusão de informações, os inúmeros casos pitorescos que pontilham a narrativa, pertencem, na verdade, à organização da obra, sendo importantes para demonstrar o saber advindo das viagens do autor. Longe de serem próprias do curioso e do etnólogo, como pretenderam os intérpretes que distinguiram dois Heródotos, as digressões conferem sua peculiaridade à obra como um todo.

Além disso, as observações colhidas nas viagens permitem identificar e expor as diferenças existentes entre os gregos e os bárbaros. Confluem, portanto, na *historie* herodotiana, relatos de viagem, *tò thôma* e digressões. Como afirma Hartog, "já que a narrativa lhe atribui um lugar, *tò thôma* deve figurar no elenco dos procedimentos da retórica da alteridade. (...) *Tò thôma*

apresenta-se como uma tradução possível da diferença: é uma das transcrições possíveis da diferença entre aqui e além" (Hartog, 1999, p. 246). É a partir dessa confluência de temas que as descrições dos *nómoi* dos vários povos ganham sentido no conjunto da obra. E é dessa maneira que deve ser entendido o motivo que levou Heródoto, nos quatro primeiros livros de sua obra, a relatar os *nómoi* dos bárbaros, ao lado do nascimento e crescimento do império persa.

Contudo, deve-se ressaltar que entre essas 'maravilhosas empresas' a que ele se refere, acham-se incluídos não só os costumes dos vários povos envolvidos na expansão persa, como também os grandes feitos durante o conflito. Seria, mais especificamente o sistema político helênico, e em particular a democracia ateniense, passível de se incluir nessa categoria das 'empresas maravilhosas'? Seria a forma grega de organização também uma fonte de espanto e admiração do autor? Nesse caso, o exótico, o maravilhoso e admirável residiriam no fato de os gregos terem se organizado de uma forma completamente singular, estranha a todos os outros povos conhecidos. Assim, a descrição dos *nómoi*, que consome tanto espaço na narrativa herodotiana, teria a função de realçar essa singularidade helênica.

Por se apresentarem de uma forma completamente incomum é que os gregos confundiriam os persas com o seu comportamento nada usual. Xerxes, levando em conta apenas o seu conhecimento da conduta do seu povo e dos outros que havia submetido, não pôde acreditar que eles ousassem enfrentar seu invencível exército (Heródoto, VII, 101). Não é de se admirar que o rei, advertido pelo grego Demátrato, não conseguiu alcançar o significado de suas palavras: "não me perguntes quantos são para atreverem-se a agir assim; mesmo que sejam apenas mil eles lutarão contra ti" (Heródoto, VII, 102).

Essa incompreensão do comportamento alheio é dada como um dos motivos que levaram à derrota persa. Mas também é possível dizer que a vitória dos helenos, principalmente em Salamina, deveu-se à astúcia grega. Estando em enorme desvantagem numérica, o que os fez ter sucesso foi a estratégia ardilosa. Esta condiz muito bem com a capacidade grega de surpreender, de causar espanto e, até mesmo, de maravilhar os persas. A astúcia empregada na batalha de Salamina, e a dificuldade persa de compreender sua conduta, são tanto mais marcantes pelo fato de que os gregos, segundo informa o próprio Heródoto, na verdade encontravam-se alarmados com a situação, sentindo-se mesmo à beira de um desastre. As coisas só se inverteram devido ao ardil arquitetado por Temístocles, que enviou aos comandantes persas uma mensagem com o seguinte recado:

O comandante dos atenienses, movido por seus bons sentimentos para com a causa do Rei, e desejoso de ver triunfar vossas armas em vez das armas dos helenos, mandou-me sem ser visto pelos outros helenos para dizer-vos que os helenos, amedrontados, pretendem pôr-se em fuga, e que tendes agora a oportunidade de realizar o mais belo feito de todos se não os deixardes escapar.

Eles não estão de acordo entre si e não vos resistirão mais (Heródoto, VIII, 75).

A credulidade persa diante dessa mensagem é espantosa, mas confirmada por Heródoto na continuação da narrativa e nos fatos que se seguiram. Os bárbaros mostram nesse episódio que realmente não tinham compreendido nada a respeito da conduta helênica. Nem sequer por um momento desconfiaram da falsidade da mensagem enviada, apesar de já estarem bem cientes da obstinação, da resistência dos adversários. Antes, mudaram toda a estratégia, de acordo com o que estes esperavam, ficando completamente vulneráveis em pleno mar Egeu. Sua incrível ingenuidade diante do estratagema helênico sugere que o relato de Heródoto deliberadamente dramatizou a confusão do soberano persa, a fim de realçar a singularidade dos gregos e os contrastes de comportamento entre os dois povos.

A mesma estranheza é notada com relação aos valores políticos. Xerxes afirma, de acordo com Heródoto, que não esperava valentia de um exército de homens livres, não comandados e conduzidos pelo chicote de um senhor. Acostumado a lidar com súditos, julgava que o esforço guerreiro decorria menos da bravura dos soldados que do temor destes ao chefe. Foi incapaz de perceber que as razões dos gregos eram opostas. Eram bravos e valentes, justamente, por serem livres. E esse ponto fica claro no diálogo entre os Lacedemônios e Hidarnes, no qual os primeiros dizem ao comandante persa:

Conheces a sujeição, mas ainda não experimentastes a liberdade, e não sabes se ela é doce ou não. Se a tivesses experimentado não nos aconselharias a lutar por ela apenas com lanças, mas até com machado. (Heródoto, VII, 135).

É esse o espanto, o deslumbramento que causa a constituição política grega. Os persas e os bárbaros em geral, para Heródoto, não sabiam o significado da palavra liberdade, pois mesmo que seu território não se achasse sob o domínio de outro povo, estavam sempre em sujeição a seu monarca. Ao longo de toda a narrativa herodotiana, a descrição dos *nómoi* dos vários povos bárbaros mostra que nenhum deles conhecia a liberdade desfrutada pelos gregos, pois todos possuíam uma constituição política monárquica ou tirânica, e, portanto, despótica. Em contraste, os helenos só se sentiam sujeitos à lei: “de fato, sendo livres, eles não são livres em tudo; eles têm um déspota – a lei – mais respeitada pelos lacedemônios que tu por teus súditos”(Heródoto, VII, 104). Embora entre os gregos se encontrassem casos de tirania ou de monarquia, a tirania sempre acabava abolida e as realezas helênicas – por exemplo, a espartana – possuía um caráter diverso da monarquia bárbara, por serem os poderes dos reis limitados tanto pelas assembleias existentes quanto pelas leis. Quase todas estas, entretanto, foram abandonadas e substituídas por regimes mais livres e justos. Enfim, sendo os gregos o único caso de povo livre em toda a *História*, não é descabido pensar que a narrativa os apresenta como motivo de espanto, de

admiração. Em vez dos bárbaros, seriam eles os exóticos.

Por último, cabe observar que Heródoto, além de evidenciar o caráter original da organização política grega em geral, destacou, em particular, a democracia ateniense. Algumas passagens da sua obra corroboram essa observação. Para começar, a constatação de que a derrubada dos Psistrátidas foi o ponto de partida da ascensão da cidade à posição proeminente que a levou à liderança dos helenos:

Não se evidencia num caso isolado, e sim na maioria dos casos, que a igualdade é uma instituição excelente; governados por tiranos, os atenienses não eram superiores na guerra a qualquer dos seus povos vizinhos, mas libertos dos tiranos eles assumiram de longe o primeiro lugar. Isso prova que, na servidão, eles se conduziam propositalmente como covardes, pensando que serviam a um senhor; livres, porém, cada um agia com todas as suas forças para cumprir a missão em seu próprio benefício (Heródoto, V, 78).

A democracia ateniense começou a delinear-se com as reformas de Clístenes, que se seguiram à expulsão dos tiranos (fim do século VI). Atingiu seu auge com Péricles, em meados do século V a.C.. O período em que Heródoto viveu foi aquele em que a democracia estava chegando ao seu pleno desenvolvimento e, por esse motivo, o tema é tão importante para o historiador. Os atenienses acreditavam que o esplendor a que chegaram, inclusive seu papel decisivo na vitória sobre os persas devia-se ao regime político adotado. E pode-se presumir que Heródoto concordava com eles, ao declarar:

Sinto-me aqui obrigado a exprimir uma opinião que me fará parecer desagradável à maioria dos homens; mas, como a considero verdadeira, não me furtarei a dá-la. Quem dissesse que os atenienses foram os salvadores da Hélade não se distanciaria da verdade. [Pois] optando pela preservação da liberdade da Hélade, com sua opção eles despertaram todos os outros helenos ainda relutantes em pactuar com os medos, e assim, depois dos deuses, foram eles que repeliram o Rei (Heródoto, VII, 139).

A opção dos atenienses pela liberdade, de acordo com Heródoto, salvou a Hélade de ser anexada ao império de Xerxes. Do mesmo modo, deve-se supor que ele é o porta-voz das censuras dos atenienses aos espartanos, na ocasião em que estes apoiaram Hípias: “pois vós, lacedemônios, destruindo regimes igualitários, estais em preparativos para restabelecer nas cidades a tirania, de todas as instituições existentes entre os homens a mais injusta e sanguinária” (Heródoto, V, 92).

Assim, a própria narrativa herodotiana nos faz ver que a democracia não era uma unanimidade entre os helenos. Os grandes defensores desse regime eram na verdade os atenienses. Se, dentro da própria Hélade, a organização democrática era vista com desconfiança, compreende-se que, aos olhos dos bárbaros, ela pudesse parecer como *tò thôma*, o maravilhoso, o exótico e o admirável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OBRAS CONSULTADAS

- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução portuguesa de Eudoro de Sousa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda: 1992.
- _____. *Política*. Tradução de Mario da Gama Kury, Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997
- BENJAMIN, Walter. ‘Experiência e pobreza’, ‘O narrador’, ‘Sobre o conceito de história’ em *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre a literatura e História da cultura. Obras escolhidas. Vol. I*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1996, pp. 114,119, 197-221, 222-232.
- BRANDÃO, Jacyntho Lins. *Narrativa e mimese no romance grego*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CASSIN, Barbara, Nicole LORAUX, Catherine PESCAHNSKI, *Gregos, bárbaros, estrangeiros: a cidade e seus outros*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- CALAME, Claude. Mythe et histoire dans l’Antiquité grecque. La création symbolique d’une colonie. Lausanne: Payot-Lausanne, 1996.
- _____. ‘Hérodote: discours historique ou récit littéraire?’ em *Le récit em Grece ancienne. Enonciations et representations de poetes*. Paris: Meridiens Klincksieck, 1986, pp. 69-84.
- DARBO-PESCHANSKI, Catherine. *O discurso do particular: ensaio sobre a investigação de Heródoto*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.
- DETIENNE, Marcel. *Os mestres da verdade na Grécia arcaica*. Rio de Janeiro: 1988.
- _____. *A invenção da mitologia*. Brasília/Rio de Janeiro: Editora da Universidade de Brasília/José Olympio: 1992.
- HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo

Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

_____. 'A arte da narrativa histórica' em BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique (orgs). *Passados recompostos. Campos e canteiros da história*. Rio de Janeiro : Ed. UFRJ/ Ed. FGV, 1998, pp. 193-202.

_____. *Mémoire d'Ulysse: récits sur la frontière en Grèce ancienne*. Paris: Gallimard, 1996.

HERÓDOTO. *História*. Tradução portuguesa de Mário da Gama Kury, 2ª ed., Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1988

_____. *Histórias – livro 1º*. Tradução portuguesa de José Ribeiro Ferreira e Maria de Fátima Silva, Lisboa: Edições 70, 1994.

_____. *Histórias – livro 3º*. Tradução portuguesa de Maria de Fátima Silva e de Cristina Abranches, Lisboa: Edições 70, 1997.

_____. *Histórias – livro 4º*. Tradução portuguesa de Maria de Fátima Silva e de Cristina Abranches Guerreiro, Lisboa: Edições 70, 2001.

_____. *Histórias – livro 6º*. Tradução portuguesa de José Ribeiro Ferreira e Delfim Ferreira Leão, Lisboa: Edições 70, 2000.

_____. *Histórias – livro 8º*. Tradução portuguesa de José Ribeiro Ferreira e Carmem Leal Soares, Lisboa: Edições 70, 2002.

_____. *Herodotus*. Edição em grego e tradução inglesa de A. D. Godley, Londres/Cambridge, Mass: William Hinemann/Harvard University Press, 1920, 3 vols.

_____. *Histoires – livre II - Euterpe*. Edição em grego e tradução francesa de P.E. Legrand, Paris: Les Belles Lettres, 1982.

HUNTER, Virginia. *Past and process on Herodotus and Thucydides*. Princeton: Princeton University Press, 1982.

IMMERWHAR, H.R. *Form and thought in Herodotus*. Cleveland: American Philological Association, 1966.

LACERDA, Sonia e KIRSCHNER, Tereza Cristina. 'Tradição intelectual e espaços historiográficos ou porque dar atenção aos textos clássicos' em *Textos de História*, Revista do programa de Pós-graduação em História da UnB, Vol. 5, n 2, 1997.

MEIER, Christian. *La naissance du politique*. Paris: Gallimard, 1995.

_____. *Política e graça*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

_____. 'Historical answers to historical questions: the origins of history in ancient greece' em *Arethusa*, Vol. 20, n. 1 e2, Spring and Fall, 1987, pp. 41-57.

MOMIGLIANO, Arnaldo. 'The place of Herodotus in history of historiography', em *History*, 43, 1958, pp. 1-13.

PAYEN, Pascal. 'Discours historique et structures narratives chez Hérodote', em *Annales – ESC*, 1990, nº 3, pp. 527-550.

SNELL, Bruno. *A descoberta do espírito*. Lisboa: Edições 70, 1992.

Recebido em Julho de 2008.

Aprovado em Setembro de 2008.

